A INCLUSÃO ESCOLAR DE ESTUDANTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA NO ENSINO MÉDIO: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS

SCHOOL INCLUSION OF STUDENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER IN HIGH SCHOOL: CHALLENGES AND PEDAGOGICAL POSSIBILITIES

Sooly Eslaide Lima da Silva[1]
Orientadora: Rozineide Iraci Pereira da Silva[2]

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar os desafios e as possibilidades pedagógicas relacionados à inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio. Trata-se de uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo, desenvolvida a partir de livros e artigos científicos publicados entre 2021 e 2026. Os resultados foram organizados em três categorias: Transtorno do Espectro Autista e inclusão escolar no Ensino Médio; desafios pedagógicos e formação docente; e possibilidades pedagógicas, mediação e práticas inclusivas. A análise evidenciou que a inclusão nessa etapa ainda enfrenta barreiras relacionadas à formação docente, à rigidez curricular, às práticas avaliativas e à falta de apoio institucional. Por outro lado, práticas como mediação pedagógica, flexibilização curricular, recursos visuais, tecnologias assistivas e trabalho colaborativo favorecem a participação e a aprendizagem. Conclui-se que a inclusão exige planejamento, formação continuada e compromisso coletivo da escola em suas diferentes trajetórias escolares e sociais.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Inclusão Escolar; Educação Especial.

ABSTRACT: This article aims to analyze the challenges and pedagogical possibilities related to the school inclusion of students with Autism Spectrum Disorder in high school. This is a narrative literature review, with a qualitative approach and descriptive-interpretative character, developed from books and scientific articles published between 2021 and 2026. The results were organized into three categories: Autism Spectrum Disorder and school inclusion in high school; pedagogical challenges and teacher education; and pedagogical possibilities, mediation and inclusive practices. The analysis showed that inclusion at this educational stage still faces barriers related to teacher education, curricular rigidity, assessment practices and lack of institutional support. On the other hand, practices such as pedagogical mediation, curricular flexibility, visual resources, assistive technologies and collaborative work favor participation and learning. It is concluded that inclusion requires planning, continuing education and collective commitment from the school in its different educational and social trajectories.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; School Inclusion; Special Education.

INTRODUÇÃO

A inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio é um tema ainda pouco consolidado no campo educacional, sobretudo quando se

[1] Mestrando em Ciências da Educação pela Universidade Christian Business School-CBS, Graduado em Educação Física-Licenciatura pela Universidade Claretiano Centro Universitário CEUCLAR, Pós Graduado em Educação Física Escolar Pela Universidade Candido Mendes, Pós Graduando em Educação Física Adaptada a Inclusão pela universidade Facuminas. E-mail: sooly.silva@souprof.al.gov.br.
[2] Ph.D. Doutora em Ciências da Educação, Mestra em Ciências da Educação pela Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Psicopedagoga, Pedagoga, Analista do Comportamento Aplicada, Especialista em Escrita Acadêmica Avançada, Professora do Ensino Superior e professora orientadora da Christian Business School-CBS. E-mail:rozineide.pereira1975@gmail.com. https://orcid.org/0009-0000-6863-7874.

pensa nas condições concretas de participação, aprendizagem e permanência desses estudantes na escola comum. O TEA se manifesta de formas distintas na comunicação, na interação social, no comportamento e nos modos de aprender — o que exige do professor um planejamento pedagógico flexível e atento às particularidades de cada estudante. Schwartzman e Araújo (2011) já apontavam que o transtorno se expressa de maneira heterogênea no desenvolvimento, o que torna necessário compreender suas especificidades para além de rótulos genéricos.

No Ensino Médio, essa complexidade se acentua. A organização curricular, a presença de múltiplos professores por turma, as exigências avaliativas e as expectativas em torno da continuidade dos estudos e da entrada no mundo do trabalho tornam o processo de inclusão mais desafiador do que nas etapas anteriores. Incluir, aqui, não significa apenas matricular ou garantir a presença física do estudante em sala — trata-se de reorganizar práticas pedagógicas e assumir um compromisso institucional real com sua aprendizagem. Como afirma Mantoan (2015), a inclusão escolar pressupõe transformar a escola para que todos possam, de fato, participar dos processos educativos.

Ainda assim, a maior parte das pesquisas sobre estudantes com TEA se concentra na Educação Infantil e no Ensino Fundamental, deixando o Ensino Médio como uma lacuna a ser explorada. Investigar essa etapa significa entender melhor os desafios enfrentados por professores e escolas, mas também identificar possibilidades pedagógicas que favoreçam autonomia, aprendizagem e participação. Cunha (2022) reforça que incluir estudantes com autismo exige articulação entre escola e família, atenta às particularidades de cada sujeito e ao seu modo próprio de aprender.

Diante desse cenário, este artigo parte da seguinte questão-problema: quais são os principais desafios e as possibilidades pedagógicas para a inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio? A pergunta orienta a reflexão sobre as condições necessárias para que a inclusão ultrapasse o acesso formal à escola e se efetive por meio de práticas pedagógicas, institucionais e relacionais capazes de gerar aprendizagem e pertencimento.

Justifica-se o estudo pela necessidade de aprofundar esse debate numa etapa da escolarização ainda pouco explorada em comparação aos anos iniciais. Sua relevância está em contribuir para a compreensão dos desafios docentes, das barreiras do cotidiano escolar e das estratégias que podem tornar as práticas mais inclusivas. Bezerra e Pantoni (2022) destacam, nesse sentido, que a formação docente é elemento central do processo

inclusivo: é ela que permite ao professor compreender o TEA com mais profundidade e desenvolver estratégias pedagógicas adequadas.

O objetivo geral deste artigo é analisar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, os desafios e as possibilidades pedagógicas relacionados à inclusão escolar de estudantes com TEA no Ensino Médio. Especificamente, busca-se compreender as implicações do transtorno no processo de escolarização, discutir os desafios pedagógicos e formativos enfrentados pelos professores, e identificar estratégias que contribuam para práticas mais inclusivas nessa etapa da Educação Básica.

Para isso, o estudo se desenvolve como uma revisão narrativa da literatura, fundamentada em livros e artigos científicos sobre TEA, inclusão escolar, formação docente e práticas pedagógicas inclusivas. A discussão está organizada em três eixos: TEA e inclusão escolar no Ensino Médio; desafios pedagógicos e formação docente para a inclusão de estudantes com TEA; e possibilidades pedagógicas, mediação e práticas inclusivas.

MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão narrativa da literatura, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-interpretativo, desenvolvida com o objetivo de analisar os desafios e as possibilidades pedagógicas relacionados à inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio. A escolha por esse tipo de revisão justifica-se por permitir uma discussão ampla e reflexiva sobre o tema, articulando artigos científicos recentes e obras de referência que contribuem para compreender o processo inclusivo no contexto escolar.

A revisão narrativa foi adotada por possibilitar a aproximação entre diferentes autores, conceitos e produções acadêmicas, favorecendo a interpretação crítica de temas educacionais complexos. Conforme Casarin et al. (2020), esse tipo de revisão contribui para reunir, atualizar e discutir conhecimentos sobre determinado campo, sem a rigidez metodológica própria das revisões sistemáticas. Assim, mostra-se adequada ao presente estudo, uma vez que a inclusão de estudantes com TEA envolve dimensões pedagógicas, formativas, sociais e institucionais.

A pesquisa assume abordagem qualitativa, pois busca compreender significados, relações e desafios presentes no processo de inclusão escolar. Segundo Minayo (2014), a pesquisa qualitativa permite interpretar fenômenos humanos e sociais em sua

complexidade, considerando valores, atitudes, práticas e sentidos atribuídos pelos sujeitos. Dessa forma, o estudo não pretende quantificar dados, mas analisar como a literatura discute a escolarização de estudantes com TEA no Ensino Médio.

Quanto aos objetivos, o estudo apresenta caráter descritivo-interpretativo, pois descreve os principais desafios apontados pela literatura e interpreta as possibilidades pedagógicas para a efetivação da inclusão escolar. Para Gil (2022), as pesquisas descritivas buscam apresentar características de determinado fenômeno, enquanto a análise interpretativa permite estabelecer relações entre os elementos investigados.

Quanto aos procedimentos, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, realizada a partir de livros, artigos científicos e produções acadêmicas nacionais que abordam o Transtorno do Espectro Autista, a inclusão escolar, o Ensino Médio, a formação docente e as práticas pedagógicas inclusivas. De acordo com Marconi e Lakatos (2021), a pesquisa bibliográfica envolve seleção, leitura, organização e análise de materiais já publicados, permitindo ao pesquisador construir uma compreensão fundamentada sobre o objeto de estudo.

O levantamento das produções foi realizado a partir dos seguintes descritores nacionais: Transtorno do Espectro Autista; Inclusão Escolar; Educação Especial; Ensino Médio; Práticas Pedagógicas; Formação Docente; Educação Inclusiva. Esses termos foram utilizados de forma isolada e combinada, com o objetivo de localizar estudos diretamente relacionados à proposta do artigo.

Foram considerados artigos científicos nacionais publicados entre 2021 e 2026, disponíveis na íntegra e em língua portuguesa, além de livros de referência sobre autismo, inclusão e educação. Como critérios de inclusão, foram selecionadas produções que abordassem a inclusão de estudantes com TEA no contexto escolar, especialmente no Ensino Médio, bem como estudos relacionados aos desafios docentes, às práticas pedagógicas e às estratégias de apoio à aprendizagem. Foram excluídos textos duplicados, materiais sem acesso integral e produções que não apresentavam relação direta com o tema investigado.

A seleção do material ocorreu em três etapas: levantamento inicial das produções relacionadas aos descritores; leitura dos títulos, resumos e palavras-chave; e seleção dos estudos mais pertinentes para leitura integral. Após essa etapa, os materiais foram organizados conforme sua contribuição para o objetivo do artigo.

A análise das produções foi estruturada em três categorias temáticas: Transtorno do Espectro Autista e inclusão escolar no Ensino Médio; desafios pedagógicos e formação

docente para a inclusão de estudantes com TEA; e possibilidades pedagógicas, mediação e práticas inclusivas. Essa organização permitiu construir uma discussão articulada entre autores clássicos, obras de referência e estudos recentes sobre o tema.

Por se tratar de uma revisão narrativa, desenvolvida exclusivamente a partir de materiais bibliográficos de domínio público e sem participação direta de seres humanos, não houve necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa. Ainda assim, foram respeitados os princípios éticos relacionados ao uso adequado das fontes, à identificação dos autores consultados e à fidelidade às ideias apresentadas na literatura.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os estudos selecionados sobre a inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio evidenciam que esse processo não pode ser reduzido à matrícula na escola comum. A inclusão envolve permanência, participação, aprendizagem, mediação pedagógica e organização institucional. Nesse sentido, as contribuições de Schwartzman e Araújo (2011), Cunha (2022), Mantoan (2015), Freire (1996) e Vygotsky (1991) ajudam a sustentar a compreensão de que a escolarização de estudantes com TEA exige práticas planejadas, sensíveis às singularidades dos sujeitos e comprometidas com a aprendizagem.

Foram selecionados estudos relacionados ao Transtorno do Espectro Autista, à inclusão escolar, à Educação Especial, ao Ensino Médio, à formação docente e às práticas pedagógicas inclusivas. A seleção contemplou artigos científicos publicados entre 2021 e 2026, além de obras de referência consideradas relevantes para a fundamentação teórica do tema. Os materiais analisados foram organizados em três categorias temáticas: Transtorno do Espectro Autista e inclusão escolar no Ensino Médio; desafios pedagógicos e formação docente para a inclusão de estudantes com TEA; e possibilidades pedagógicas, mediação e práticas inclusivas.

Os estudos selecionados apresentam diferentes enfoques sobre a inclusão de estudantes com TEA no contexto escolar. Pinto e Brettas (2024) destacam a necessidade de ampliar investigações voltadas especificamente ao Ensino Médio, uma vez que parte significativa dos estudos sobre autismo concentra-se nas etapas iniciais da Educação Básica. Souza, Pieczkowski e Vieira (2025), ao analisarem a inclusão de estudantes com TEA em cursos de Ensino Médio Integrado, evidenciam tensões entre acesso, permanência

e participação, mostrando que a presença do estudante na escola não garante, por si só, uma experiência inclusiva.

As produções analisadas também apontam a formação docente como um dos principais desafios para a efetivação da inclusão. Bezerra e Pantoni (2022) ressaltam a importância da formação de professores para o atendimento de estudantes com TEA no Ensino Médio Integrado, indicando que a falta de preparo pode limitar a construção de estratégias pedagógicas adequadas. Nunes et al. (2025) reforçam essa discussão ao evidenciarem que os desafios da prática docente envolvem insegurança profissional, necessidade de adaptação curricular, ausência de recursos e dificuldade de articulação entre os diferentes sujeitos da escola.

No campo das possibilidades pedagógicas, os estudos indicam que a inclusão de estudantes com TEA pode ser fortalecida por meio da mediação docente, da flexibilização curricular, do uso de recursos visuais, das tecnologias assistivas, da avaliação formativa e do planejamento individualizado. Ribeiro e Costa-Renders (2024) contribuem ao discutir o Desenho Universal para Aprendizagem como possibilidade de organização de práticas mais acessíveis. Zelli Wiedemann et al. (2023) destacam a sequência didática interativa como estratégia favorável à participação de estudantes com TEA em contextos educacionais inclusivos.

As obras de referência selecionadas ampliam a compreensão teórica do tema. Schwartzman e Araújo (2011) contribuem para a caracterização do TEA e suas implicações no desenvolvimento; Cunha (2022) aproxima autismo, escola, família e práticas educativas; Mantoan (2015) sustenta a inclusão como transformação da escola e não apenas como inserção do estudante; Freire (1996) fortalece a defesa de uma prática pedagógica ética, dialógica e humanizadora; e Vygotsky (1991) contribui para compreender a aprendizagem como processo mediado socialmente.

De modo geral, os estudos e obras analisados convergem ao indicar que a inclusão de estudantes com TEA no Ensino Médio ainda enfrenta barreiras pedagógicas, formativas e institucionais, mas também apresenta possibilidades concretas quando há planejamento, formação docente, mediação pedagógica e trabalho colaborativo. Observa-se que a inclusão não deve ser compreendida como ação isolada do professor, mas como compromisso coletivo da escola, envolvendo currículo, avaliação, gestão, família e rede de apoio.

O Quadro 1 apresenta a caracterização dos estudos selecionados sobre inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio, considerando autores, ano de publicação, título, tipo de produção e principais contribuições para a temática.

Tabela 1 - Caracterização dos artigos selecionados sobre inclusão escolar de estudantes com TEA no Ensino Médio.

Autores	Título	Periódico	Tipo	Ano	Contribuição para o estudo
Bezerra e Pantoni	Formação docente para inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio Integrado	Educitec: Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico	Artigo científico	2022	Contribui para discutir a formação docente como elemento essencial para a inclusão de estudantes com TEA no Ensino Médio Integrado.
Pereira, Lopes e Silva	Necessidades educacionais para a inclusão de um aluno autista no ensino de ciências	Communitas	Artigo científico	2022	Apresenta reflexões sobre necessidades educacionais, adaptações pedagógicas e estratégias de ensino voltadas à inclusão de estudante autista.
Zelli Wiedemann et al.	Sequência Didática Interativa na perspectiva inclusiva de estudante com Transtorno do Espectro Autista	Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica	Artigo científico	2023	Contribui para compreender o uso de sequências didáticas como possibilidade de mediação pedagógica inclusiva.
Silverio, Santana e Jesus	Atendimento a alunos com TEA no ensino técnico integrado durante a pandemia Covid-19	Caderno Pedagógico	Artigo científico	2023	Discute o atendimento educacional a estudantes com TEA no ensino técnico integrado, evidenciando desafios de acompanhamento, apoio e organização escolar.
Pinto e Brettas	Inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista no Ensino Médio: uma revisão de literatura	Revista Profissão Docente	Revisão de literatura	2024	Contribui diretamente para o tema ao mapear estudos sobre TEA, Ensino Médio, inclusão escolar e Educação Profissional.
Ferreira e Grossi	O papel da colaboração escola-família na inclusão escolar de um adolescente com autismo	Revista Nova Paideia	Artigo científico	2024	Destaca a importância da articulação entre escola, família e rede de apoio no processo de inclusão escolar

					de estudante com TEA.
Ribeiro e Costa-Renders	Processo de inclusão escolar de estudantes com TEA: em perspectiva o desenho universal para aprendizagem	Retratos da Escola	Artigo científico	2024	Apresenta o Desenho Universal para Aprendizagem como possibilidade para organizar práticas pedagógicas mais acessíveis e inclusivas.
Souza, Pieczkowski e Vieira	Inclusão/exclusão de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo em cursos de Ensino Médio Integrado	Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica	Artigo científico	2025	Analisa tensões entre inclusão e exclusão no Ensino Médio Integrado, contribuindo para discutir acesso, permanência e participação.
Nunes et al.	Inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista: desafios e possibilidades na prática pedagógica docente	Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação	Artigo científico	2025	Contribui para identificar desafios docentes e possibilidades pedagógicas no atendimento de estudantes com TEA.
Souza e Dias	Autismo e inclusão escolar: o que indicam pesquisas na área da saúde?	Psicologia Escolar e Educacional	Artigo científico	2025	Auxilia na compreensão do panorama das pesquisas sobre autismo e inclusão escolar, evidenciando contribuições e lacunas do campo.
Pinto et al.	Educação inclusiva e neurodiversidade: práticas pedagógicas e suporte para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	Revista DCS	Revisão integrativa	2026	Apresenta práticas pedagógicas, formas de suporte e estratégias inclusivas relacionadas à neurodiversidade e ao TEA.
Santos e Guidotti	Ensino de Física e estratégias pedagógicas para alunos com TEA: um estudo de revisão sistemática	Revista Educar Mais	Revisão sistemática	2026	Contribui para discutir estratégias pedagógicas em componentes curriculares do Ensino Médio, especialmente em áreas com maior abstração conceitual.
Oliveira et al.	Inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio: desafios e práticas pedagógicas na Educação Física escolar	Revista Tópicos	Artigo científico	2026	Contribui diretamente para o estudo ao discutir desafios e práticas pedagógicas voltadas à inclusão de estudantes com TEA no Ensino Médio.

Fonte: Elaborado pelo autor, 2026.

Após a caracterização dos estudos selecionados, observou-se que as produções convergem ao compreender a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio como um processo que ultrapassa a matrícula e exige condições reais de participação, aprendizagem e permanência. Os estudos indicam que a efetivação da inclusão depende de práticas pedagógicas planejadas, formação docente, mediação, flexibilização curricular e apoio institucional.

A leitura dos materiais permitiu organizar os resultados em três categorias temáticas: Transtorno do Espectro Autista e inclusão escolar no Ensino Médio; desafios pedagógicos e formação docente para a inclusão de estudantes com TEA; e possibilidades pedagógicas, mediação e práticas inclusivas. Essas categorias orientam a discussão dos principais desafios identificados na literatura e das estratégias que podem favorecer uma escola mais acessível, acolhedora e comprometida com o desenvolvimento dos estudantes com TEA.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA E INCLUSÃO ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO

A compreensão do Transtorno do Espectro Autista no contexto escolar exige cuidado para que o diagnóstico não seja tratado como limite definitivo para a aprendizagem. Schwartzman e Araújo (2011) apresentam o TEA como uma condição do neurodesenvolvimento com manifestações diversas na comunicação, na interação social, no comportamento e nos modos de aprender. Essa leitura, entretanto, precisa dialogar com Mantoan (2015), que desloca o debate da condição individual para as barreiras produzidas pela escola. Assim, enquanto Schwartzman e Araújo ajudam a compreender as especificidades do espectro, Mantoan amplia a análise ao defender que o problema não está apenas no estudante, mas também nas estruturas escolares pouco flexíveis.

Essa discussão é necessária porque, no cotidiano educacional, ainda se observa a tendência de explicar as dificuldades escolares apenas pelo diagnóstico. Mantoan (2015) questiona essa lógica ao afirmar que a escola inclusiva precisa transformar suas formas de ensinar, avaliar e organizar a convivência. Cunha (2022), por sua vez, reforça que o trabalho com estudantes autistas exige práticas intencionais, articuladas e sensíveis às particularidades de cada sujeito. Os dois autores se complementam: Mantoan enfatiza a mudança institucional, enquanto Cunha destaca a necessidade de conhecer o aluno e organizar intervenções coerentes com seu modo de aprender.

No Ensino Médio, essa tensão torna-se mais evidente devido à fragmentação curricular, à presença de vários professores, às avaliações frequentes e às expectativas relacionadas ao ensino superior ou ao mundo do trabalho. Pinto e Brettas (2024) apontam que ainda há lacunas nos estudos sobre TEA nessa etapa, pois muitas pesquisas se concentram na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Essa constatação dialoga com Souza, Pieczkowski e Vieira (2025), que mostram, no Ensino Médio Integrado, que o acesso à instituição não garante permanência qualificada nem pertencimento. Enquanto Pinto e Brettas evidenciam a lacuna teórica, Souza, Pieczkowski e Vieira revelam seus efeitos concretos na experiência escolar.

Desse modo, surge um embate entre a inclusão como direito formal e sua efetivação no cotidiano. Para Mantoan (2015), não basta inserir o aluno na sala comum se a escola mantém a mesma lógica seletiva e classificatória. Souza, Pieczkowski e Vieira (2025) reforçam essa crítica ao demonstrarem que processos de exclusão podem persistir mesmo em instituições que recebem estudantes com TEA, especialmente quando faltam apoio pedagógico, flexibilização curricular e acompanhamento sistemático. Os autores convergem ao indicar que o acesso é apenas o primeiro passo; a permanência exige reorganização pedagógica e compromisso institucional.

A mediação aparece como ponto central nesse debate. Vygotsky (1991) compreende o desenvolvimento humano como processo construído nas relações sociais e mediado pela cultura. Cunha (2022) aproxima essa perspectiva do cotidiano escolar ao defender a articulação entre professor, família e demais profissionais no acompanhamento do estudante autista. Enquanto Vygotsky oferece a base teórica para compreender a aprendizagem como processo social, Cunha mostra que essa mediação precisa ser planejada e contínua. Assim, o apoio pedagógico não deve ser visto como recurso adicional, mas como condição para a participação e o desenvolvimento.

Outro ponto de tensão refere-se ao risco de a adaptação pedagógica resultar em empobrecimento curricular. Souza e Dias (2025) indicam que as pesquisas sobre autismo e escolarização ainda precisam avançar na compreensão das experiências vividas pelos estudantes. Essa observação dialoga com Freire (1996), para quem a prática educativa deve respeitar o sujeito sem abrir mão de sua formação crítica. Nesse sentido, adaptar não significa reduzir expectativas ou oferecer atividades descontextualizadas, mas criar caminhos para que o estudante acesse o conhecimento de forma significativa.

Freire (1996) também contribui para problematizar práticas que, sob o discurso da inclusão, mantêm o estudante em posição passiva. Ao defender uma educação dialógica, ética e comprometida com a autonomia, o autor se aproxima de Mantoan (2015), que critica a escola que apenas tolera a diferença sem modificar sua organização. A diferença entre ambos está no foco: Freire enfatiza a dimensão humana da relação pedagógica, enquanto Mantoan evidencia a necessidade de mudança estrutural. Juntos, reforçam que a inclusão no Ensino Médio precisa garantir não apenas acolhimento, mas acesso real ao currículo, à convivência e às possibilidades de desenvolvimento.

Portanto, os autores analisados permitem compreender que a escolarização de estudantes com TEA no Ensino Médio é atravessada por tensões entre diagnóstico e sujeito, matrícula e participação, adaptação pontual e transformação pedagógica. Schwartzman e Araújo (2011) contribuem para a compreensão do TEA; Mantoan (2015) questiona as barreiras institucionais; Cunha (2022) aproxima o debate das práticas educativas; Vygotsky (1991) sustenta a importância da mediação; Freire (1996) reforça a dimensão ética do ensino; e os estudos recentes evidenciam lacunas ainda presentes nessa etapa. Assim, a inclusão só se efetiva quando a escola deixa de apenas receber o estudante e passa a reorganizar suas práticas para garantir aprendizagem, participação e pertencimento.

DESAFIOS PEDAGÓGICOS E FORMAÇÃO DOCENTE PARA A INCLUSÃO DE ESTUDANTES COM TEA

A formação docente aparece como um dos principais desafios para a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio, especialmente porque essa etapa exige maior domínio curricular, planejamento articulado e capacidade de adaptação das práticas pedagógicas. Bezerra e Pantoni (2022) destacam que a formação de professores é indispensável para que a inclusão não dependa apenas da iniciativa individual do docente. Essa ideia dialoga com Cunha (2022), para quem o trabalho com estudantes autistas requer conhecimento sobre suas especificidades e organização intencional das ações educativas. Assim, a formação não pode ser vista como complemento, mas como condição para que o professor compreenda o estudante e construa respostas pedagógicas adequadas.

Entretanto, a formação docente ainda se apresenta como uma fragilidade no cotidiano escolar. Nunes et al. (2025) indicam que muitos professores reconhecem a

importância da inclusão, mas relatam insegurança diante da adaptação de atividades, da avaliação e da mediação das relações em sala de aula. Esse ponto se aproxima das reflexões de Mantoan (2015), ao afirmar que a inclusão exige mudanças profundas na escola e não apenas ajustes superficiais. Desse modo, o desafio não está apenas na ausência de cursos ou capacitações, mas na permanência de uma cultura escolar que espera que todos aprendam da mesma forma e no mesmo ritmo.

No Ensino Médio, essa dificuldade se intensifica pela própria organização da etapa. Oliveira et al. (2026) apontam que a inclusão de estudantes com TEA nessa fase exige adaptações pedagógicas, recursos acessíveis e estratégias que considerem as características do estudante e as exigências curriculares. Essa análise se aproxima de Bezerra e Pantoni (2022), que também identificam a necessidade de formação específica para o trabalho com estudantes autistas no Ensino Médio Integrado. Os autores convergem ao indicar que o professor precisa estar preparado para lidar com uma realidade escolar mais complexa, marcada por múltiplas disciplinas, diferentes professores e maior pressão por desempenho.

Um dos problemas recorrentes está na confusão entre adaptação pedagógica e redução do conteúdo. Freire (1996) contribui para essa discussão ao defender uma prática educativa comprometida com a autonomia e com o direito do estudante ao conhecimento. Essa perspectiva permite tensionar práticas que, em nome da inclusão, oferecem atividades simplificadas, desconectadas do currículo ou sem real intencionalidade formativa. Nunes et al. (2025) reforçam essa preocupação ao apontarem que a prática docente inclusiva precisa superar improvisações e construir estratégias capazes de favorecer a aprendizagem. Portanto, adaptar não significa diminuir, mas criar caminhos para que o estudante acesse o conhecimento de maneira possível e significativa.

Outro desafio refere-se à articulação entre os diferentes profissionais da escola. Cunha (2022) destaca que a inclusão de estudantes autistas exige diálogo entre professores, família, equipe pedagógica e profissionais de apoio. Essa compreensão é reforçada por Silverio, Santana e Jesus (2023), ao discutirem o atendimento a estudantes com TEA no ensino técnico integrado e evidenciarem a importância do acompanhamento institucional. O confronto aqui está entre uma inclusão fragmentada, em que cada professor age isoladamente, e uma inclusão planejada coletivamente. Quando não há articulação, o estudante pode receber apoios descontínuos, contraditórios ou insuficientes.

A avaliação também constitui um ponto sensível no processo inclusivo. Mantoan (2015) questiona modelos escolares baseados na padronização, pois eles tendem a excluir estudantes que aprendem de modos diferentes. Essa crítica dialoga com Oliveira et al. (2026), ao destacarem a necessidade de flexibilizar práticas avaliativas para favorecer a participação de estudantes com TEA. No Ensino Médio, onde as avaliações costumam estar associadas a notas, provas e desempenho, a inclusão exige rever critérios, instrumentos e tempos de aprendizagem. O desafio não é retirar a exigência formativa, mas avaliar de modo mais coerente com as possibilidades e os avanços do estudante.

A mediação docente, nesse contexto, não pode ser confundida com facilitação excessiva ou dependência permanente. Vygotsky (1991) permite compreender que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e das mediações construídas no ambiente educativo. Essa perspectiva dialoga com Bezerra e Pantoni (2022), quando os autores defendem processos formativos que ajudem o professor a desenvolver estratégias de ensino mais adequadas aos estudantes com TEA. A mediação, portanto, deve favorecer participação, autonomia e avanço na aprendizagem, e não apenas garantir que o estudante permaneça fisicamente em sala.

Assim, os desafios pedagógicos e formativos relacionados à inclusão de estudantes com TEA no Ensino Médio envolvem tanto a preparação dos professores quanto a organização institucional da escola. A literatura analisada indica que a formação docente precisa estar articulada ao planejamento pedagógico, à flexibilização curricular, à avaliação inclusiva e ao trabalho colaborativo. Sem esses elementos, a inclusão tende a permanecer no campo do discurso ou da boa intenção; com eles, torna-se possível construir práticas mais coerentes, acessíveis e comprometidas com a aprendizagem dos estudantes.

POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS, MEDIAÇÃO E PRÁTICAS INCLUSIVAS

As possibilidades pedagógicas para a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio exigem práticas intencionais, planejadas e articuladas às necessidades dos sujeitos. Cunha (2022) destaca que o trabalho com estudantes autistas deve considerar suas formas específicas de comunicação, interação e aprendizagem, evitando respostas padronizadas. Essa compreensão dialoga com Vygotsky (1991), ao defender que o desenvolvimento ocorre nas relações sociais e nas mediações construídas no contexto educativo. Assim, a mediação pedagógica não deve ser entendida como ajuda

ocasional, mas como estratégia central para favorecer a participação, a autonomia e a aprendizagem.

Uma das possibilidades mais relevantes está na flexibilização curricular, desde que ela não seja confundida com empobrecimento do conteúdo. Freire (1996) contribui para esse debate ao defender uma prática educativa comprometida com a autonomia e com o direito dos sujeitos ao conhecimento. Essa perspectiva se aproxima de Ribeiro e Costa-Renders (2024), que discutem o Desenho Universal para Aprendizagem como caminho para organizar práticas mais acessíveis, sem restringir o currículo a adaptações individuais e isoladas. Nesse sentido, flexibilizar significa ampliar formas de acesso ao conhecimento, e não reduzir a complexidade da formação escolar.

O uso de recursos visuais, rotinas estruturadas e orientações claras também aparece como estratégia importante nos estudos analisados. Pinto et al. (2026) apontam que práticas pedagógicas voltadas à neurodiversidade podem favorecer a organização, a comunicação e a participação dos estudantes com TEA. Essa discussão pode ser aproximada de Cunha (2022), que defende a necessidade de estruturar o ambiente educativo considerando previsibilidade, segurança e clareza nas propostas. No Ensino Médio, esses recursos são especialmente relevantes porque ajudam o estudante a acompanhar diferentes disciplinas, professores e demandas avaliativas.

As sequências didáticas inclusivas também representam uma possibilidade pedagógica significativa. Zelli Wiedemann et al. (2023) demonstram que a organização de uma sequência didática interativa pode favorecer a participação de estudante com TEA, especialmente quando há planejamento, mediação e intencionalidade. Essa contribuição dialoga com Vygotsky (1991), para quem a aprendizagem se fortalece por meio da interação e da mediação social. Desse modo, atividades estruturadas e colaborativas podem romper com práticas isoladas, ampliando as oportunidades de participação e aprendizagem no espaço escolar.

Outro aspecto importante refere-se ao uso de metodologias que favoreçam a participação ativa do estudante. Freire (1996) critica práticas educativas centradas apenas na transmissão de conteúdos e defende uma relação pedagógica dialógica, na qual o estudante seja reconhecido como sujeito do processo de aprendizagem. Essa perspectiva se aproxima de Oliveira et al. (2026), ao indicarem que estratégias inclusivas no Ensino Médio precisam considerar o envolvimento do estudante, suas possibilidades de expressão

e sua participação nas atividades escolares. Assim, a inclusão exige superar práticas passivas e criar situações em que o estudante possa interagir, produzir e aprender.

A avaliação formativa também se apresenta como possibilidade essencial para práticas inclusivas. Mantoan (2015) questiona modelos escolares baseados na padronização, pois eles tendem a reforçar exclusões quando desconsideram diferentes modos de aprender. Essa crítica dialoga com Santos e Guidotti (2026), que, ao discutirem estratégias pedagógicas para estudantes com TEA no ensino de Física, evidenciam a necessidade de diversificar recursos, linguagens e formas de acompanhamento da aprendizagem. No Ensino Médio, avaliar de forma inclusiva não significa eliminar critérios, mas reconhecer processos, avanços e diferentes formas de demonstrar conhecimento.

A parceria entre escola, família e rede de apoio também fortalece as possibilidades de inclusão. Ferreira e Grossi (2024) destacam que a colaboração escola-família contribui para compreender melhor as necessidades do estudante e construir estratégias mais coerentes. Cunha (2022) reforça essa ideia ao defender que a inclusão de estudantes autistas não deve ser pensada apenas no interior da sala de aula, mas em articulação com os diferentes contextos de vida do sujeito. Essa relação permite que a escola planeje intervenções mais consistentes, evitando ações fragmentadas ou descontinuadas.

Dessa forma, as possibilidades pedagógicas para a inclusão de estudantes com TEA no Ensino Médio estão relacionadas à mediação, à flexibilização curricular, ao planejamento, ao uso de recursos acessíveis, à avaliação formativa e ao trabalho colaborativo. As contribuições dos autores analisados indicam que a inclusão se torna mais efetiva quando a escola deixa de agir apenas por adaptações pontuais e passa a organizar práticas que favoreçam participação, pertencimento e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, os desafios e as possibilidades pedagógicas relacionados à inclusão escolar de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio. A partir dos autores e estudos selecionados, foi possível compreender que a inclusão nessa etapa da Educação Básica não se limita à matrícula ou à presença do estudante na escola comum, mas envolve condições efetivas de participação, aprendizagem, permanência e pertencimento.

A revisão realizada evidenciou que o Ensino Médio apresenta desafios específicos para estudantes com TEA, sobretudo em razão da maior complexidade curricular, da

presença de diferentes professores, das exigências avaliativas e das expectativas relacionadas ao futuro acadêmico e profissional. Nesse contexto, a inclusão escolar exige que a instituição reconheça as singularidades do estudante, sem reduzi-lo ao diagnóstico, e organize práticas capazes de favorecer sua participação nas atividades escolares.

Os estudos analisados também indicaram que a formação docente constitui um dos principais elementos para a efetivação da inclusão. A ausência de preparo específico, a insegurança diante das adaptações pedagógicas, a dificuldade de flexibilizar avaliações e a falta de articulação entre professores, família e equipe de apoio ainda aparecem como barreiras recorrentes. Assim, a inclusão não pode depender apenas da boa vontade individual do professor, mas precisa ser assumida como responsabilidade coletiva da escola.

Quanto às possibilidades pedagógicas, observou-se que estratégias como mediação docente, flexibilização curricular, uso de recursos visuais, rotinas estruturadas, tecnologias assistivas, sequências didáticas inclusivas, avaliação formativa e trabalho colaborativo podem contribuir para uma escolarização mais acessível e significativa. Essas práticas não devem ser compreendidas como concessões ou simplificações, mas como formas de garantir o direito ao conhecimento e à participação dos estudantes com TEA.

Dessa forma, responde-se à questão-problema ao afirmar que os principais desafios da inclusão escolar de estudantes com TEA no Ensino Médio estão relacionados à formação docente, à organização curricular, às práticas avaliativas, à falta de recursos e às barreiras institucionais. Por outro lado, as possibilidades pedagógicas se fortalecem quando a escola planeja suas ações, promove mediações adequadas, articula seus profissionais e reconhece o estudante como sujeito de direitos, aprendizagem e desenvolvimento.

Conclui-se que a inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio exige uma mudança de compreensão e de prática. Mais do que receber o estudante, a escola precisa reorganizar seus modos de ensinar, avaliar, acompanhar e conviver. Portanto, a efetivação da inclusão depende de compromisso institucional, formação continuada, planejamento pedagógico e construção de uma cultura escolar que reconheça a diversidade como parte constitutiva do processo educativo.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Marli de Figueiredo; PANTONI, Rodrigo Palucci. Formação docente para inclusão de alunos com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio Integrado.

Educitec: Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico, Manaus, v. 8, p. e182622, 2022. DOI: 10.31417/educitec.v8.1826. Disponível em: https://sistemascmc.ifam.edu.br/educitec/index.php/educitec/article/view/1826. Acesso em: 12 abr. 2026.

CASARIN, Sidnéia Tessmer et al. Tipos de revisão de literatura: considerações das editoras do Journal of Nursing and Health. **Journal of Nursing and Health**, Pelotas, v. 10, n. 5, p. e20104031, 2020. Disponível em: https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/enfermagem/article/view/19924. Acesso em: 18 abr. 2026.

CUNHA, Eugênio. **Autismo e inclusão**: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

FERREIRA, Vânia da Silva; GROSSI, Fabiana Regina da Silva. **O papel da colaboração escola-família na inclusão escolar de um adolescente com autismo**. Revista Nova Paideia: Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa, [S. l.], v. 6, n. 3, p. 1005-1016, 2024. DOI: 10.36732/riep.v6i3.602. Disponível em: https://ojs.novapaideia.org/index.php/RIEP/article/view/602. Acesso em: 24 abr. 2026.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. Barueri: Atlas, 2022.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar**: o que é? por quê? como fazer? São Paulo: Moderna, 2015.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NUNES, Mônica Cícera Kubiak et al. Inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista: desafios e possibilidades na prática pedagógica docente. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, Ciências e Educação, São Paulo, v. 11, n. 7, p. 2616-2629, 2025. DOI: 10.51891/rease.v11i7.20498. Disponível em: https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/20498. Acesso em: 6 maio 2026.

OLIVEIRA, J. G. et al. Inclusão de estudantes com Transtorno do Espectro Autista no Ensino Médio: desafios e práticas pedagógicas na Educação Física escolar. **Revista Tópicos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 33, p. 1-56, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/778202055. Disponível em: https://revistatopicos.com.br/artigos/inclusao-de-estudantes-com-transtorno-do-espectro-autista-no-ensino-medio-desafios-e-praticas-pedagogicas-na-educacao-fisica-escolar. Acesso em: 11 maio 2026.

PEREIRA, Erica Zania de Sousa; LOPES, Suzana Gomes; SILVA, Alexandre Leite dos Santos. Necessidades educacionais para a inclusão de um aluno autista no ensino de ciências. **Communitas**, Rio Branco, v. 6, n. 14, p. 130-143, 2022. DOI:

10.29327/268346.6.14-10. Disponível em: https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/6217. Acesso em: 17 maio 2026.

PINTO, Fidelina Maria Candido; BRETTAS, Anderson Claytom Ferreira. Inclusão de estudantes com transtorno do espectro autista no Ensino Médio: uma revisão de literatura. **Revista Profissão Docente**, Uberaba, v. 24, n. 49, p. 1-22, 2024. DOI: 10.31496/rpd.v24i49.1589. Disponível em: https://revistas.uniube.br/index.php/rpd/article/view/1589. Acesso em: 23 maio 2026.

PINTO, R. M. et al. **Educação inclusiva e neurodiversidade**: práticas pedagógicas e suporte para alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Revista DCS, [S. l.], v. 23, n. 88, p. e4792, 2026. DOI: 10.54899/dcs.v23i88.4792. Disponível em: https://ojs.revistadcs.com/index.php/revista/article/view/4792. Acesso em: 28 maio 2026.

RIBEIRO, Maria Carolina Ferreira; COSTA-RENDERS, Elisabete Cristina. Processo de inclusão escolar de estudantes com TEA: em perspectiva o desenho universal para aprendizagem. **Retratos da Escola**, Brasília, v. 18, n. 40, 2024. DOI: 10.22420/rde.v18i40.1682. Disponível em: https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1682. Acesso em: 3 jun. 2026.

SANTOS, Silvana Emanuele dos; GUIDOTTI, Charles dos Santos. **Ensino de Física e estratégias pedagógicas para alunos com TEA**: um estudo de revisão sistemática. Revista Educar Mais, [S. l.], v. 10, p. 1-19, 2026. DOI: 10.15536/reducarmais.10.2026.4232. Disponível em: https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/4232. Acesso em: 8 jun. 2026.

SCHWARTZMAN, José Salomão; ARAÚJO, Ceres Alves de. **Transtornos do espectro do autismo**. São Paulo: Memnon, 2011.

SILVERIO, Paulo Osni; SANTANA, Leandro Pinto; JESUS, Cecilia Souza de. Atendimento a alunos com TEA no ensino técnico integrado durante a pandemia Covid-19. **Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 20, n. 4, p. 874-888, 2023. DOI: 10.54033/cadpedv20n4-024. Disponível em: https://ojs.studiespublicacoes.com.br/ojs/index.php/cadped/article/view/1765. Acesso em: 12 jun. 2026.

SOUZA, Everton de; PIECZKOWSKI, Tania Mara Zancanaro; VIEIRA, Marilandi Maria Mascarello. **Inclusão/exclusão de estudantes com Transtorno do Espectro do Autismo em cursos de Ensino Médio Integrado**. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S. l.], v. 1, n. 25, p. e18041, 2025. DOI: 10.15628/rbept.2025.18041. Disponível em: https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/18041. Acesso em: 16 jun. 2026.

SOUZA, Francisnaide dos Santos; DIAS, Viviane Borges. **Autismo e inclusão escolar: o que indicam pesquisas na área da saúde? Psicologia Escolar e Educacional**, São Paulo, v. 29, p. e267944, 2025. DOI: 10.1590/2175-3539-2025-267944. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pee/a/JYhmDpPcMjm9Fb3Y4gTnyLD/?lang=pt. Acesso em: 19 jun. 2026.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

ZELLI WIEDEMANN, Ângela Paloma; GÓES, Anderson Roges Teixeira; CAMARGO, Sérgio; ZIMER, Tania Teresinha Bruns. **Sequência Didática Interativa na perspectiva inclusiva de estudante com Transtorno do Espectro Autista**. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S. l.], v. 2, n. 23, p. e14380, 2023. DOI: 10.15628/rbept.2023.14380. Disponível em: https://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/RBEPT/article/view/14380. Acesso em: 21 jun. 2026.